

O Espírito de Não-Me-Toque

A área de experimentos da Monsanto no Rio Grande do Sul pode ser considerada tão socialmente justa ou segura como as usinas nucleares de Angra dos Reis.

“Queremos mandar um recado para uma cidade chamada Davos e também para Monsanto”, declara frei Sérgio Görden, do Movimento dos Pequenos Agricultores, do alto do caminhão de som na área de experimentos da multinacional em Não-Me-Toque, RS, diante do olhar de 1.300 agricultores e dos mias de vinte jornalistas presentes, ainda eufóricos com o que viram minutos atrás: a destruição de 2 hectares de uma lavoura de soja transgênica pelos agricultores.

Nada define melhor o que aconteceu em Não-Me-Toque do que essa declaração. Primeiro, porque a ação dos camponeses foi que Porto Alegre teve de mais próximo com o “Espírito de Seattle” - as manifestações populares na cidade norte-americana durante a reunião da Organização Mundial do Comércio em 1999 e que conseqüentemente deram origem ao Fórum Social Mundial; e, segundo, se existe uma encarnação do pensamento de Davos para a agricultura é a Monsanto, poderosa multinacional de agrotóxicos e transgênicos de agrotóxicos e transgênicos.

Criada em 1901, a Monsanto Chemical Company figura entre as dez maiores indústrias químicas dos Estados Unidos desde a década de 40. Entre seus produtos, está o agente laranja, utilizado pelas tropas norte-americanas no Vietnã para desfolhar as árvores da floresta tropical vietnamita. Mais de 500.000 crianças nascidas no Vietnã desde os anos 60 sofreram com deformidades relacionadas às dioxinas na gente laranja.

A empresa detém ainda o título de quinta maior poluidora dos Estados Unidos, além de colecionar multas do governo norte-americano e processos judiciais – de propaganda enganosa a depósito irregular de produtos perigosos. Recentemente, o jornal New York Times denunciou que Monsanto teria subornado funcionários da FDA, o órgão norte-americano de controle de alimentos e medicamentos, para liberar seus produtos.



Porém, a jogada mais ousada da Monsanto chama-se Terminator, um gene que torna estéril a segunda geração de sementes usadas na agricultura. Com essa técnica, já utilizada em sementes de algodão e fumo, o fruto ou grão de uma variedade comercial não se tornariam sementes, obrigando os agricultores a adquirir novas sementes a cada safra e tornando-se reféns econômicos da multinacional. Terminando com o trabalho de melhoramento das variedades que os agricultores desenvolvem há 10.000 anos, a Monsanto se tornaria única proprietária das sementes do mundo. Em outras palavras, a área de experimentos da Monsanto no Rio Grande do Sul pode ser considerada tão socialmente justa ou segura quanto as usinas nucleares de Angra dos Reis. Ou, se preferirem outro paralelo, Não-Me-Toque é como um dos cargueiros de lixo tóxico europeu que o Greenpeace impede de aportar no hemisfério sul. Segundo o líder dos camponeses franceses José Bové, “80 por cento da população europeia rejeita aos transgênicos, por isso a Monsanto quer impor esses produtos à força aos países do sul”. E conclui: “Para nós, não importa se é no norte ou no sul, e sim que devemos queimar todos. Bové e outros camponeses respondem a processo na França pela queima de uma lavoura de arroz transgênico da Novartis, outra poderosa multinacional de transgênicos, em 1998. No mesmo ano, milhares de agricultores de Karnataka, na Índia, reduziram as cinzas outra lavoura da Monsanto. Portanto, o que a imprensa gaúcha, em sua habitual visão baírrista, considerou uma ação de exibicionismo internacional dos movimentos populares do campo é uma linha política assumida por milhares de agricultores em todo o mundo.

Cinco dirigentes da Via Campesina, assim como José Bové, estiveram em Não-Me-Toque, porém foi o agricultor francês, conhecido pelo desmantelamento de uma loja do McDonald's em 1999, quem concentrou as atenções da imprensa e do mundo durante o Fórum Social. Em parte, graças a uma ação quixotesca da Polícia Federal na semana seguinte à destruição dos experimentos.

A utilização pelo governo federal de métodos requeitados da ditadura militar, como a Lei de Segurança Nacional, contra os caminhoneiros ou o DOPS rural contra o MST, não era novidade. O que ninguém esperava é que fariam isso em pleno Fórum Social Mundial e contra uma personalidade internacional reconhecida. Todo o esforço de Davos em ignorar o Fórum de Porto Alegre desabou com a ação dos agentes federais, no dia 29 de janeiro, quando os policiais tentaram levar à força o líder francês para a sede da PF em Porto Alegre. Foram impedidos pelos agricultores brasileiros que o acompanhavam e pelos funcionários do Hotel Plaza São Rafael, que imaginavam tratar-se de um seqüestro. Depois do incidente, Bové se apresentou no escritório da Polícia Federal, onde assinou um compromisso de deixar o país em 24 horas. No dia seguinte, o documento perdeu sua validade graças à ação rápida da rede Nacional de Advogados Populares, e o agricultor pôde deixar o país no dia 30, como havia planejado. O fim da primeira edição do Fórum Social Mundial e a partida de Bové não

dão por encerrada a polêmica dos transgênicos e da gestão de grandes sobre a agricultura. Em abril, a Via Campesina retoma suas ações internacionais em duas datas especiais, no dia 17 de abril, aniversário do massacre dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, e a reunião da OMC em Quebec, no Canadá. Por enquanto, vale a sentença de frei Sérgio Görgen na saída dos agricultores de Não-Me-Toque: "Daqui pra frente, vai ser um prejuízo em cima de prejuízo".